

Crónica 228 ano novo só será se a gente quiser 1.1.19

Agora que o fogo de artifício se calou, que já todos comeram as passas e beberam espumante, e as chatas mensagens e vídeos de votos felizes já não inundam as nossas caixas de correio eletrónico, chegou a altura de dizer que só será ano novo se nós quisermos.

Comecemos pela autonomia, atualmente debatida na CEVERA, e que precisa de ir a um cirurgião plástico para um “facelift” total e completo pois as rugas e pés de galinha são mais do que evidentes e não há maquilhagem que as mascare.

Depois temos os prejuízos infindos das empresas públicas, ou parapúblicas, ou híbridas, ou qualquer que seja a sua designação e que só servem para terem “boys e girls” na sua administração enquanto acumulam prejuízos de milhões e nem quero especificar se é a SATA, SINAGA, Lotaçor, e outras, umas mais faladas que outras (quase totalmente desconhecidas do grande público). Todas precisam de ir à faca da cirurgia, mas que não seja plástica antes de transplante de coração, pois o coração dessas empresas há muito que sofre de aterosclerose, enfarte do miocárdio, angina e outras arritmias e insuficiências coronárias. Muitas devem fechar, de imediato, pois ficará mais barato ao bolso dos contribuintes da Região o seu fecho do que a sua manutenção e o pagamento de elevados juros acumulados de dívida e de avales do Estado (governo regional). Tem de ser uma operação rápida já que indolor não será.

Chega a vez de se observar porque a região (e especialmente São Miguel) tem tantos beneficiários de rendimentos de reinserção social, qualquer que seja o nome atual desse flagelo, que se queria medida temporária e ameaça tornar-se hereditário de geração em geração. Depois, há que criar emprego a sério em vez de mil e um esquemas transitórios, abusados pelos empregadores, de estágios L, T e outros, que só servem para reduzir estatísticas e a criar falsas expectativas nos seus beneficiários que, entretanto, não decidam emigrar, à taxa de cerca de 1500 pessoas/ano, despovoando ainda mais as ilhas menos populosas.

O mais curioso disto tudo, é que o doente está nos cuidados intensivos, mas o turismo nestes últimos anos deu-lhe uma dose de morfina que, aliviando as dores, não trata da doença terminal. O governo regional está sem ideias. Cansado, refém do poder central, sem gente capaz ou ousada, mais parece a cáfila de bajuladores que viviam à sombra do Salazar. Nem sei se a culpa é do Vasco ou se ele é mero refém da situação desde que tomou posse e sobremodo, desde que César foi para Lisboa em troca da autonomia regional dos Açores. Da oposição surge aqui e ali um lampejo mais pela voz dos comentadores e jornalistas do que dos partidos da oposição. É o resultado das maiorias, que desprezam a voz das minorias dissonantes.

Não há visão de futuro, nem dinheiro, para grandes aventuras e elefantes brancos, e quando o fogo de artifício das grandes proclamações cessa apenas resta o fumo esbranquiçado de promessas que o vento levará. Por isso 2019 como ano novo só será se a gente quiser e há poucos que queiram.

Para o Diário dos Açores e Diário de Trás-os-Montes

Chrys Chrystello, Jornalista

[MEEA/AJA (*Australian Journalists' Association* –

Membro Honorário Vitalício nº 2977131, 1983-2018) carteira profissional AU3804]